

O DISCURSO AFETIVO NO EPISTOLÁRIO DE CHIARA LUBICH¹

*IL DISCORSO AFFETTIVO NELL'EPISTOLARIO
DI CHIARA LUBICH*

Maria Regina Mossini

IUS - Istituto Universitario Sophia
reggina_candidomota@hotmail.com

RESUMO: O discurso construído nas cartas de Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, utiliza estratégias de comunicação afetiva para diversos fins. O artigo contextualiza seu discurso a partir da situação social da Itália do pós-guerra, em que a produção de cartas para comunicação interpessoal era intensa. O referencial teórico que sustenta a análise é a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001; Bolívar, 1997; Bolívar e Khon 1999), a comunicação afetiva (Janney e Arndt 1992) e o modelo de Nieto y Otero, (2008). A metodologia consiste na identificação das categorias do vínculo afetivo presentes no texto e na análise de sua função no contexto. O corpus está composto por quatro cartas pessoais dos anos 1940/1950. A função pragmática da estratégia que caracteriza afetuosamente a linguagem vincula os participantes do evento cumulativo. Os resultados indicam que a autora utiliza estratégias pragmalinguísticas de comunicação afetiva para atingir propósitos comunicativos e resguardar o caráter dialógico-interacional do gênero discursivo epistolar que transmite as primeiras linhas de seu carisma.

PALAVRAS-CHAVE: Chiara Lubich. Discurso afetivo. Pragmalinguística. Cartas pessoais. Carisma.

ASTRATTO: Il discorso affettivo costruito nell'epistolario di Chiara Lubich, la fondatrice del Movimento dei Focolare, ricorre alle strategie di comunicazione affettiva per scopi diversi. L'articolo contestualizza il suo discorso a partire dalla situazione sociale dell'Italia del dopoguerra, in cui la produzione di lettere per comunicarsi era intensa. La cornice teorica che sopporta l'analisi è l'Analisi Critico del Discorso (Fairclough, 2001; Bolívar, 1997; Bolívar e Khon 1999), la comunicazione affettiva (Janney e Arndt 1992) e il modello di Nieto y Otero, (2008). La metodologia è consistita nell'individuare le categorie del legame affettivo presente sul testo e nelle analisi della loro funzione nel contesto. Il corpus è stato composto da quattro lettere personali degli anni 40/50. La funzione pragmatica della strategia che caratterizza il linguaggio affettivo lega i partecipanti dell'evento comunicativo.

¹ Submetido em 15/10/2020 - Analisado em 22/10/2020)

I risultati indicano che l'autrice utilizza le strategie pragmalinguistiche di comunicazione affettiva per arrivare agli scopi comunicativi e salvaguardare il carattere dialogico-interazionale del genere discorsivo lettere che trasmettono le prime righe del suo carisma.

PAROLE CHIAVI: Chiara Lubich. Discorso Affettivo. Pragmalinguistica. Lettere Personali. Carisma.

1. INTRODUÇÃO

Para refletir sobre o discurso afetivo, fundamentamo-nos em Van Dijk e Kintsch (1983) e, especialmente, em Nieto y Otero (2008) para quem falar é um fenômeno interacional, tanto cognitivo quanto afetivo. Isso nos leva a considerar as escolhas linguísticas feitas, ao apontar o que essas escolhas fazem do ponto de vista das funções interpessoais, uma vez que revelam o vínculo afetivo entre os participantes de um determinado contexto. Outro ponto de reflexão nos oferece a obra de Austin (1974), quando diz que falar ou escrever é uma forma de agir discursivamente. Nesse sentido, nos motivou também a afirmação de Adriana Bolívar (2007, p. 22), ao definir as dimensões do discurso: interação social, cognição, história, diálogo e ação. Obviamente, cada afirmação anterior representa uma motivação estimulante, mas olhemos apenas para a última, pois, sendo o discurso da ação, permite-nos entrar no pensamento da autora ao explicar que “com as palavras se pode construir e transformar realidades”. Isso nos permite refletir sobre a fala de Chiara Lubich (doravante, ChL) construída ao longo dos anos desde a produção epistolar, passando pelos discursos espirituais e místicos e também outros discursos proferidos em ocasião dos reconhecimentos públicos do seu Carisma.

A partir das pistas desses autores, permitimo-nos perguntar se Chiara tinha um projeto de “dizer”? As cartas pessoais que vamos analisar fazem parte de um projeto carregado de sentido cognitivo e afetivo? Que objetivos estratégicos ele empregou para torná-los inteligíveis e atraentes, que intencionalidade e fins os atos discursivos realizados por ChL nas cartas perseguiram? Por que a novidade do seu Carisma se comunica assim e não de outra maneira?

Dentre todos os aspectos que caracterizam sua linguagem, queremos focar a afetividade discursiva, pensando que este estudo pode levar-nos a identificar e distinguir as estratégias discursivas afetivas que, consciente ou inconscientemente, ela escolheu para referir-se a si mesma, aos interlocutores e à sua própria mensagem, especialmente na produção escrita. Afinal, como já foi dito, na interação, as escolhas afetivas discursivas são formas de agir discursivamente. Que ações ChL realizou e realiza em seu discurso afetivo?

Entre o conjunto de questões, há também estas: quem é o outro para a ChL, qual o valor da sua mensagem, como você se apresenta aos outros? Considerando o contexto histórico

da produção epistolar dos anos 40/50, ainda nos perguntamos se seu discurso epistolar foi capaz de reverter o discurso do ódio e da violência e transformá-lo em um discurso de paz e fraternidade e, assim, responder à crise do humanismo daquela época e também de hoje.

2. OBJETIVO E JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO

Pensando em tudo isso, tracemos este objetivo de estudo para iniciar a pesquisa: descobrir e explicar como a discursividade afetiva é construída nas cartas pessoais de ChL dos anos 1940/1950.

Duas razões motivaram a escolha desses anos: primeiramente porque esses escritos têm um valor histórico e cultural, uma memória da espiritualidade da Unidade e, em segundo lugar, porque constituem um enriquecimento para a tradição literária e discursiva italiana do século XX.

Durante a análise, estudamos quatro cartas dirigidas a pessoas do círculo familiar, amigos ou conhecidos: sua irmã, um amigo, um sacerdote e, por último, os membros da pequena e nascente comunidade dos Focolares. Essas cartas fazem parte do livro: *Cartas dos primeiros tempos, nas origens de uma nova espiritualidade* (2010), publicado pela Città Nuova Editrice. Tais textos constituem um evento discursivo de grande importância, pois tornam visível a ação social, política e cultural realizada pela ChL.

A atualidade se caracteriza pelo pós-diálogo, como se atreve a dizer Adrian Bolívar (2020), ao se referir à polarização política e também à reparaçãõ de modelos políticos antidemocráticos, tanto de direita quanto de esquerda, perpetrando o fim do diálogo político. De fato, nesse tipo de discurso o uso do insulto como estratégia para aniquilar o inimigo político é amplamente empregado. Mas justamente nesse momento, o Diálogo surge como método, como cultura proposta pela ChL, tanto que Vera Araújo, destacada socióloga brasileira, a define como a *Arte do Diálogo* (Araújo, 2020).

As cartas pessoais de ChL contribuem para a atualização do Carisma da Unidade e a difusão de sua herança espiritual e cultural na sociedade globalizada. Nesse contexto, parece urgente estudar o discurso afetivo de ChL que, ao contrário da agressão, apresenta-se, de forma positiva, nas dinâmicas sociais e políticas, bem como espirituais e religiosas. E propõe novas formas de convivência e concretização dos valores humanos no mundo, pois seu Carisma promove o diálogo, sob a bandeira da fraternidade universal.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A primeira abordagem ao estudo da afetividade na linguagem é encontrada na retórica clássica de Aristóteles. A retórica é considerada a arte da fala e um recurso para

persuadir (Laborda, 1996). Entretanto, não pretendo falar, aqui, da passagem teórica da retórica clássica à Nova Retórica, mesmo se sabemos que, com isso, também renasce o interesse pelo estudo dos recursos da persuasão, mas sim da afetividade ou *pathos* grego, ligado ao ato de persuadir que, ainda, não foi suficientemente explicado. A abordagem do discurso do afeto concentra-se nas formas tal como se apresentam na linguagem. Maynard (2002) agrupou seus estudos sobre o assunto em uma obra intitulada *Emoção Lingüística*. Esses estudos são baseados na negociação (The Place of Negotiation) e propõem uma mudança da linguística do *logos* para a linguística do *pathos*.

Retomando as ideias da Análise do Discurso, relembremos o que ele fala Patrick Charaudeau, quando afirma que a Análise do Discurso tem como objeto o estudo da linguagem nas relações de sentido criadas na troca entre os participantes. Referindo-se às emoções, o autor argumenta que elas não devem ser consideradas em função dos sinais do que pode acontecer aos sujeitos, uma vez que eles próprios são capazes de reconhecê-las como um discurso socialmente codificado.

Nesse campo do conhecimento, as pesquisas sobre a relação entre discurso e afetividade dizem respeito ao fenômeno da avaliação e das modalidades, pois tratam da **subjetividade e da intersubjetividade da linguagem** (Traverso (1999). Também, é preciso dizer que só depois de séculos de racionalismo na relação entre linguagem e afetividade é que a preocupação com esse problema reaparece. E aqui damos novamente um salto histórico e passamos a considerar a contribuição da Pragmática para o estudo da afetividade, principalmente com o desenvolvimento dos estudos sobre a cortesia linguística. Calsamiglia e Tusón (1999), afirmam que a cortesia é uma manifestação comunicativa que fomenta o relacionamento interpessoal.

Não queremos discutir a polêmica dessas pesquisas e a relação com a afetividade, mas apenas nos referir a Leech (1980) porque, a partir de suas máximas de conversação, isto é, tato, generosidade, aprovação, modéstia, concordância e simpatia, Janney (1996), se inspirou na categoria do tato e, a seguir, desenvolveu, conjuntamente com outros autores, o seu modelo de análise da comunicação afetiva em que propõe categorias linguísticas e discursivas do vínculo afetivo positivo.

Janney (1996), junto a Caffi (1994) e Ardnt (1992) estabelecem a distinção entre um fenômeno social e um interpessoal e conseguiram harmonizar as abordagens epistemológicas da afetividade, com a gramática funcional, traços de realce e modalidades em torno da afetividade.

A partir disso, Maria de Jesus Nieto y Otero (2008) propõem um modelo de análise do discurso político da Venezuela. Seu modelo é baseado na ferramenta de análise Pragmalingüística que parte dos atos discursivos presentes no texto. As categorias de análise do vínculo afetivo positivo (doravante LAP) são estratégias discursivas por meio das quais

o emissor constrói relações afetivas que podem ser estudadas sob diferentes perspectivas, centradas: (i) no emissor, (ii) no interlocutor e (iii) na mensagem. Um discurso centrado no emissor apresenta dois tipos de categorias de auto apresentação identificativa e assertiva. Em vez disso, um discurso em que a atenção recai sobre o interlocutor, distingue três tipos de estratégias discursivas: reconhecimento do outro, empatia e inclusão. Mas, um discurso centrado na mensagem, apresenta dois tipos de estratégias: especificidade e naturalização.

A estratégia identificativa é uma contribuição da abordagem retórica de Laborda (1996) para a comunicação interpessoal. E, segundo Nieto y Otero (2008), ela se manifesta quando o emissor busca um terreno comum que a conecte com o interlocutor, para se identificar com ele, mostrando proximidade, cercania ou familiaridade. Nesses atos discursivos, o locutor relata as características de sua personalidade, seus gostos, crenças e experiências, principalmente aquelas que presume estar em consonância com os gostos, crenças e experiências de seus interlocutores. Enfatiza semelhanças ou afinidades com interlocutores e evita discrepâncias.

Por estratégia de assertividade, entende-se o papel da assertividade relacional: realizar ações pessoais ou fazer com que outras pessoas as realizem com o propósito de demonstrar convicção, certezas sobre as declarações feitas e que deixem o emissor seguro de si mesmo, de suas convicções, do que ele pensa, sabe ou demonstra não saber. Por meio dessa estratégia, o emissor (i) enfatiza e aumenta o *status* de poder do participante principal, que decorre de seu papel e autoridade na situação comunicativa; (ii) expressa o caráter voluntário do emissor e (iii) apresenta a mensagem aos interlocutores de forma direta e sem ambiguidades.

Por outro lado, afirmou-se que as estratégias do LAP centradas no interlocutor são de três tipos: reconhecimento do outro, empatia e inclusão. O conceito de reconhecimento introduz a noção de autoestima que se baseia na necessidade pessoal de respeito e promoção positiva da estima. No atendimento dessas necessidades, o emissor se destaca, enfatiza a imagem do interlocutor diante dos demais participantes. Esta ênfase produz um efeito no interlocutor a partir da atitude lisonjeira do emissor, bem como a dos demais participantes, tomando em conta as amabilidades e elogios recebidos publicamente.

Em vez disso, a empatia é uma estratégia de recurso para o vínculo emocional positivo que é definido, de acordo com Nieto y Otero (2008), começando com retórica interpessoal e inteligência emocional e social. Baseia-se na necessidade humana do interlocutor de receber expressões explícitas de compreensão e solidariedade. A ação empática do emissor constrói, discursivamente, afinidade, proximidade na relação remetente-destinatário porque tentamos, intencionalmente, “nos colocar no lugar do outro”. A empatia se manifesta quando o locutor: (i) expressa interesse pelo outro, deseja conhecê-lo e ajudá-lo; (ii) escuta o outro

e assume reciprocidade, enfatizando ter compreendido e incluído as experiências vividas pelo outro no patamar dos seus conhecimentos.

Por fim, olhamos para a categoria de inclusão que é uma estratégia de abordagem que, potencialmente, inclui todas as escolhas de palavras, partes de discursos, atividades não verbais e outras, que podem ser interpretadas como uma variação da distância espacial ou temporal inferida entre os tópicos do orador ou outras pessoas do discurso. O valor afetivo da estratégia de inclusão é o sentimento de solidariedade participativa que pode ser induzido nos interlocutores ao reconhecê-los como parte integrante de um grupo, compartilhando ideias, gostos, história, etc. A inclusão se manifesta quando o emissor: (i) demonstra conhecimento, percepção, conhecimento e pressuposto compartilhado, com o qual o sentimento de pertencimento é fortalecido; (ii) cria um “nós” com a intenção de compreender a todos e (iii) faz perguntas ao destinatário com a intenção de incorporá-lo ao discurso.

Por fim, falo das estratégias discursivas centradas na mensagem do LAP que são identificadas por meio de dois tipos de atitudes linguísticas: especificidade e naturalização.

Especificidade é uma noção de que Nieto y Otero (2008), inserem em sua proposta porque, potencialmente, inclui o conjunto de palavras que ajudam a tornar a mensagem clara, particular. Ocorre quando o emissor fornece informações completas e detalhadas, ou seja, dados específicos, necessários ou essenciais para o interlocutor. A especificidade é demonstrada quando o emissor: (i) explica em detalhes alguns elementos e fornece mais informações do que o necessário e (ii) descreve aumentando e ampliando o conhecimento do outro.

Por sua vez, a naturalização consiste em mostrar o que interessa ao emissor para que as pessoas sintam que o que é desconhecido, estranho, novo, diferente ou que pertence ao outro pode se tornar familiar, habitual e comum. Essa estratégia intensifica os laços emocionais recorrendo à insistência ou à repetição. Ocorre quando o emissor: (i) reitera e insiste que algo seja dito; (ii) exagera alguns elementos relacionados ao tema, para dar a impressão de ter oferecido novas informações.

4. METODOLOGIA DA ANÁLISE

Desdenharemos os passos minuciosamente realizados na análise, a estratificação dos textos em atos discursivos que fizemos, mas vamos mostrar alguns exemplos, uma vez que as ferramentas teóricas e metodológicas aplicadas destacam as estratégias Pragmalinguísticas utilizadas por ChL e observadas no *corpus*.

Passamos a apresentar alguns exemplos:

(...) *ontem eu disse que te amo* (...) L1§1
Fiquei satisfeito com sua escrita. L2§26

(...) *Diga a eles que eu amo eles particularmente como amo Jesus.*
(...) *E obrigado a quem tudo entendeu e sentiu tudo: dores e alegrias.* L4§103

O emissor se apresenta como alguém que ama, ama os outros, deseja e desfruta do bem do outro e é grato, demonstrando assim o carinho que o faz aproximar-se do interlocutor. São manifestações de afeto da estratégia de auto apresentação que revelam alguns aspectos da personalidade, sentimentos, opiniões, valores e provocam a aproximação e a criação do vínculo afetivo, de forma que também seja possível comunicar descobertas, valores sem constrangimento do outro.

(...) Existe um Ideal na vida que ultrapassa a todos. Está contido em três palavras: Ama, faz amar, repara! É meu. L1§4
(...) apenas um é meu Desejo, minha paixão, que o Amor seja amado. L2§30
Eu te sinto próximo, Padre, uma coisa só conosco no Coração de Jesus! L3§41
Eu pago pela Luz e pelo Amor que Deus sempre me dá com minhas misérias. É por isso que também o tenho para os outros. L3§54-55

Com esses atos, o emissor demonstra a ansiedade que lhe invade o coração, que o envolve vitalmente ao ponto de que ele gostaria de transbordar no ânimo dos interlocutores a mesma paixão que lhe envolve o coração, ou seja, transmitir a eles seus valores, o Carisma da Unidade. De fato, os atos afetivos discursivos identificativos permitem ao locutor apresentar ao interlocutor aspectos de sua vida espiritual e religiosa: Deus-Amor, Jesus Abandonado, a Palavra, a Igreja, que caracterizam suas escolhas mais ousadas e mais profunda: a Unidade.

Por outro lado, encontram-se as estratégias de assertividade, com as quais o emissor demonstra confiança no que afirma e acredita. Vamos ver:

Ele vive no coração de todas as criaturas. L1§4
Não! Não! Apenas um é o Amor! (...) Para você é amar a Deus em seu Paulo. L1§14-15
Tudo se baseia numa fé que não desaba: Acredito no Amor de Deus: Acredito que Deus me ama, e em nome desse Amor peço (...) grandes coisas, dignas de quem sabe que é amado por um Deus ...L2§31
Oh! Unidade, unidade! Que beleza divina! Não temos palavras humanas para dizer o que é! É: Jesus! L3§42-43

Esses atos representam a experiência religiosa, a fé inabalável, posicionamento que demonstra plena confiança na revelação pessoal de Deus, à qual, independentemente do estado de vida de cada um, é chamado a corresponder.

(...) Existe um Ideal na vida que ultrapassa a todos. Está contido em três palavras: Ama, faz ama, repara! É meu. (...) L1§4

Tenho certeza que Deus poderia ter escolhido só eu neste trabalho (...) L3§49-50

O emissor afirma, com certeza. Diz claramente: *tenho certeza*, assim ativa a força assertiva do ato discursivo. Um posicionamento como esse demonstra segurança e clareza, mas também doçura e gentileza. No caso que estamos analisando, podemos prever que a protagonista das cartas se tornará logo o ponto de referência da comunidade a qual pertencem, além de leigos, também os sacerdotes, os religiosos. Este é um fato histórico e incomum, porque não é costume que os consagrados participem de um movimento dirigido e guiado por uma leiga.

O discurso assertivo permite ao locutor apresentar-se confiante e convicto da novidade que a revelação de Deus como Amor acarreta, do ápice do amor em Jesus Abandonado e do desafio da Unidade. A convicção e o empenho do emissor surpreendem os interlocutores. As promessas do cêntuplo para quem vive uma vida agitada, assim como a possibilidade de encontrar o sentido da vida e atraente, num momento histórico pós-guerra, é contracorrente. De facto, ChL mostra-se convencida, certa e segura, além de consciente da responsabilidade de transmitir a luz de Deus à humanidade sofredora e perdida que a rodeia, especialmente os mais pobres, as viúvas e seus filhos, mas não só, dirige-se também aos sacerdotes, aos religiosos, aos políticos de seu tempo.

Passo agora a apresentar exemplos do vínculo afetivo centrado no interlocutor, nos quais vemos que a estratégia de reconhecimento se baseia na autoestima, respeito e promoção positiva da estima do outro.

Não vendo e adaptando-se à vontade de Deus, (...) são cruzados perfeitos. (...) L3§39

O emissor enfatiza positivamente os traços dos interlocutores entre os leitores, usando a estratégia de reconhecimento: eles são perfeitos ... se reconhecerem a identidade do outro, sua dignidade.

Anna Magnani, a irmã do Ideal, tão querida, tão inflamada pela nossa e por sua Idéia, que dias atrás foi vítima de um trágico acidente, antes de morrer (...) ... disse oferecer o último sacrifício, aquele da vida, pela Unidade, que ela conheceu em plena perseguição. L4§49

O emissor, por meio da estratégia de reconhecimento, destaca o outro participante, para torná-lo digno de ser imitado e seguido pelos demais membros da comunidade.

Em vez disso, neste exemplo fica clara a empatia, que é um recurso do discurso para vincular-se, afetiva e positivamente, aos outros por meio de atos que permitem que a

necessidade humana seja satisfeita para receber expressões de compreensão, escuta, para reforçar a relação interpessoal.

Minha Lianuccia, (...) agora talvez você não entenda, (...)! Mas vou explicar mais para você. L1§17

Você me pergunta o que eu faço. Não posso te responder assim por escrito, mas se em poucas palavras posso dizer o motivo da minha vida. L2§27

Vou responder ao telegrama imediatamente. L3§37

O discurso afetivo empático permite ao locutor “colocar-se no lugar dos outros”. Tenta adivinhar as expectativas do interlocutor, tais como o reconhecimento e o elogio. Essa atitude cria laços de afinidade, respeito e consideração para com o interlocutor; assim ele/ela passa a ser admirado pelos outros participantes.

Por fim, vamos ver a estratégia de inclusão. Abordagem por inclusão é uma categoria que, potencialmente, envolve todas as escolhas de palavras, partes de discurso, classes gramaticais ou atividades verbais. Tem sido interpretada como uma experiência ou impressão especificação que funciona como a indicação de interesse pelo bem do outro.

Mesmo nós, irmãos e irmãs, que ainda temos os olhos abertos nesta terra, também nós podemos oferecer ao Senhor uma moeda válida para a realização daquele Ideal que nenhuma dor poderá arrancar do nosso coração. L4§83

O discurso inclusivo permitiu ao emissor envolver o interlocutor em suas escolhas mais ousadas. Isso pode ser constatado pelo uso do pronome inclusivo “nós” e dos verbos na primeira pessoa do plural: *temos*, *podemos* e o pronome reflexivo “nós”.

Esta manhã, junto ao túmulo do Padre São Francisco, rezei por vós, como todas as manhãs, mas hoje em particular pedi para vós toda a Luz da Unidade. (...). L3§45-47

O valor emocional contido na estratégia de inclusão é a solidariedade participativa. O emissor o explora para se ligar emocionalmente ao interlocutor e atraí-lo para a Luz da Unidade. O discurso afetivo de inclusão é relevante nos textos uma vez que o interlocutor é personalizado e identificado, o que se manifesta por meio da escolha linguística: diminutivos, apelidos e pronomes possessivos que são empregados com o objetivo de criar vínculos afetivos. Tratando-se do gênero epistolar cartas pessoais, a proximidade demonstrada no discurso afetivo, contribui para criar novos de afinidade de tipo espiritual, já que entre essas pessoas que já existiam relações de afeto familiar, de amizade ou outro tipo... pouco a pouco, entre um intercâmbio e outro, cresce gradativamente a estima mútua e apreço a tal ponto que ChL parece estar calculando esta abordagem para convidar a todos a abraçar o seu próprio Ideal.

Por fim, proponho olhar para os exemplos de estratégia com foco na mensagem: a especificidade e a naturalização.

Para você, amar a Deus se mostra assim: amar Paulo tanto quanto você seja capaz: para ele renega o seu egoísmo, a sua vontade de ficar fechado em si mesma, a seus confortos, todos os seus defeitos. Para ele, aumente sua paciência, aperfeiçoe suas habilidades de mamãe, saiba ficar em silêncio quando alguém comete um erro! L1, §7

Por meio de estratégias de especificação, o emissor influencia o conhecimento do interlocutor centrado no referente. Compartilha informações detalhadas e específicas aumenta o vínculo emocional. Esse tipo de informação chama a atenção do interlocutor e o faz sentir-se parte da família, do grupo.

*Fico em Assis até o dia 13. Tenho a oportunidade de orar muito com nossos dois santos. Tudo pela unidade. <<Mater unitatis ora pro noi! >>. L3§67-68
Agora devem nos fascinar só a ousadia, a dor, a luta, o zelo, a vida morta dada em cada momento por nós e viva para a Vontade Divina. L4§88*

Proponho o último exemplo:

Ouçã Lilliana (...) O amor é um, (...) L1§4
Oh! Lillianuccia! Guarde estas palavras, leia-as muitas vezes até parecer que as compreendeu totalmente. (...). Não! Não! Apenas um é o Amor! L1§14

Como você podemos perceber, ao empregar a estratégia da naturalização, cada vez que o emissor insiste, repete, parece se aproximar do objeto, ação que acaba naturalizando, familiarizando o interlocutor com a mensagem que visa convencê-lo. A repetição é um recurso que permite ao emissor devolver a mensagem conhecida e próxima do interlocutor, pois elimina qualquer estranheza, tornam-se atrativas mesmo que ousadas: “Um só é o amor” se apresenta como um bem absoluto, torna a mensagem, por mais desconhecida e nova que possa parecer, em uma possibilidade, algo familiar, conatural.

5. CONCLUSÃO

O modelo de análise aplicado ao *corpus* mostrou-nos, de uma forma geral, que enquanto ChL interage, cria, no contexto social, a identidade do líder, comprometido e coerente. As suas escolhas linguísticas afetivas também fortalecem as relações interpessoais, entrelaçadas e interligadas pela linguagem afetiva e pela mensagem de esperança, fraternidade e unidade, que se desenvolverão com o tempo. De fato, hoje em dia, sua Obra é reconhecida em todo o mundo, inclusive pelo amor mútuo entre seus integrantes, que supõe estratégias linguísticas de afeto e estima. A autora difundiu o Carisma da Unidade em todo o mundo e fundou uma Obra capaz de dialogar com as realidades humanas: política, economia, ecologia, para citar algumas; além disso, oferece uma Nova Espiritualidade à Igreja, a Espiritualidade Coletiva.

Nesse sentido, ao isolar as estratégias pragmalinguísticas da afetividade, notamos que ChL inverteu o discurso do ódio e da discriminação e construiu um discurso positivo que lhe permite aproximar-se das pessoas, criando novas relações interpessoais e, inclusive, aproximando-as de Deus. O discurso afetivo propõe formas alternativas de diálogo e unidade em tempos difíceis, “noite cultural” como afirma Zanghì (2007), referindo-se à crise que permeia o humanismo europeu.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J. L. (1974). Quando dire è fare. Torino. Ed. Marietti.
- BOLÍVAR, A. 1997. “El análisis crítico del discurso: Teoría y compromisos” en Episteme. Revista del Instituto de Filosofía. Volumen 17, Nos. 1-3. Universidad Central de Venezuela, Caracas (Venezuela).
- BOLÍVAR, A, ERLICH, F (eds.) (2007). El diálogo. Reflexiones y estudio. Caracas: Fondo Editorial de Humanidades, Universidad Central de Venezuela.
- BOLÍVAR, A. y KOHN, C. (comps.) (1999). El discurso político venezolano: un estudio *multidisciplinario*. Caracas: Editorial Tropykos
- CHAROUDEAU, P (2010). Le emozioni come effetti di discorso. Saggi /Ensayos/Essais/ Essays N. 3 – 03, Trad. di Adriana Colombini Mantovani.
- FAIRCLOUGH, N. (2001). Language and power. London: Longman (segunda edición revisada).
- Identidade e Diálogo. Vera ARAUJO, YOUTUBE, 53min11s. 4 jul. 2020. Disponível <<https://www.youtube.com/watch?v=8BkrI-ObN88&t=494s>> Acesso: 14 sett.2020.
- JANNEY, R y R. ARENDT. (1992). Intracultural tact versus intercultural tact. En J, Watts, R., Ide, S. y Ehlich K. *Politeness in Language: Studies in its History, Theory and Practice* (pp.21-41). Berlín: Mouton de Gruyter.
- LABORDA, X. (1996). Retórica interpersonal: discursos de presentación, dominio y afecto. Barcelona: Octaedro.
- LEECH, G. (1980). Language and Tact. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- MAYNARD, S. (2002). Linguistic EMotivity. Ámsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- NIETO E OTERO, M. J, (2008). Una caracterización pragmalinguística de la vinculación afectiva en el discurso político. Tesis Doctoral. Universidad Central del Venezuela.
- TRAVERSO, V. (1999). L'Analyse des conversations. Paris: Nathan.
- TUSÓN, A. (1997). Análisis de la conversación. Barcelona: Ariel.

VAN DJIK, T. y Kintsch, W. (1983). *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press.

WATTS, R., Ide, S. y Ehlich K. *Politeness in Language: Studies in its History, Theory and Practice* (pp.21-41). Berlín: Mouton de Gruyter.

ZANGHI. P. M. (2007). *Note della cultura europea*. Collana Univertas. Ed.Città Nuova.